

Diversão & Arte

Os minvilhões em série

Minions 2 é um candidato a blockbuster que chega às telas expondo os primeiros passos das maldades arquitetadas por Gru. Já **As verdades**, protagonizado por Lázaro Ramos, mostra o cinema desafiador do brasileiro José Eduardo Belmonte

» RICARDO DAEHN

Depois de quase cinco anos, desde uma virada na vida de Gru, em *Meu malvado favorito*, a mais nova aventura do estúdio Illumination, impulsionada pelo veterano produtor Chris Meledandri, desenterra um colorido passado para o suavemente mal-humorado protagonista Gru. A premissa setentista é o que move *Minions 2: A origem de Gru*, a partir de hoje na telona.

Aos 11 anos, Gru, ainda numa versão "pivético", travará o primeiro contato com as "bata-tinhas de macacão", como são denominados os minions. Já nos bancos da escola fundamental, enquanto colegas de classe são encorajados a serem médicos, Gru externa a vontade de ser "um supervilão". A senha para chegar lá existe e, na trama, é verbalizada por *You're no good*, frase que deve ser dita, antes de uma entrevista (secreta) para Gru suprir uma vaga em aberto do mafioso grupo Sexteto Sinistro.

You're no good, por sinal, é uma das músicas, ao lado de sucessos como *Born to be alive*, *Keep it comin' love* e *Goodbye to love*, que integram a ótima trilha assinada pelo produtor Jack Antonoff. Os elementos musicais são tantos no filme, a ponto de incluírem tortura (a partir de música), mensagens cifradas em discos executados ao contrário e segredos em cabines sonoras de departamentos de vendas.

Um vilão envelhecido, que atende por Willy Kobra, sofre um processo de sabotagem da chamada "próxima geração" dos colegas vilões e se torna mais do que um ídolo para Gru. Há peso no enredo para situações



Minions 2: A origem de Gru traz muita carência dos pequenos protagonistas



Os minions em ação: trapalhadas com aviões

de descarte profissional e demissão, mas que são prontamente criticadas pelo roteiro.

No filme comandado por Kyle Balda e codirigido por Brad Ableson (*Os Simpsons*) e Jonathan delVal (*Pets—A vida secreta dos bichos*) a idolatria é um dos agentes motores. A própria displicente mãe de Gru deposita todas as fichas na admiração desmedida por um novo guru, enquadrado em comportamentos dos anos de 1970.

Tratados por Gru como "miniparentes", os ingênuos e despreparados minions conseguem extrair graça até mesmo de falso coro fúnebre. No começo da trama, eles surgem em forma de exército, como paramentados lutadores dourados. Mais adiante, os ferozes personagens amarelados aprendem kung fu, depois de instruídos por uma exigente mestra que desperta a "fera interior" de cada um. Mas o filme perde muito da graça, quando os minions se transmutam em frango, bode e galinha.

Vistos como espécie de capangas, minions como Stuart, Kevin e Bob tentam, a todo custo, comprovar a lealdade suprema junto ao mestre Gru. Os ajudantes persistentes acumulam pequenos

desastres e trapalhadas, na jornada para livrar a cara do "minichefe" (o codinome de Gru) que concentra a maior parte da ação em São Francisco, mais precisamente num dos bairros Chinatown mais estabelecidos entre os norte-americanos.

Pelos ares

Folheando, de última hora, um manual de voo, uma endiabrada versão de minions que tripula, sem perícia, uma viagem aérea até São Francisco rouba a cena, ao som de uma valsa de Strauss. Na base da subversão, um piloto dorme (diante da facilidade do piloto automático), outro sofre os enjoos pelos efeitos da gravidade e um, metido a comissária, radica amendoim para os passageiros.

Aliado do trio de minions, o confuso Otto carrega uma joia (a famosa Pedra do Zodíaco) que desperta o quinteto de contraventores liderado por Donna Disco, e que traz criminosos como Irmã Chaco, Punho de Aço, Svengança e Jean Garra. Pouco a pouco, as leves traquinagens de Gru, que incluíam o consumo de sorvete, em frente a esforçados malhadores de academia, se intensificam. Fica a dúvida de ele completar (ou não) o ciclo que o posicionará como tremendo expoente do mal.



Gru se mostra um promissor projeto de maldades, no novo filme

Entrevista // Lázaro Ramos

Aspectos de violência têm certa regularidade nas abordagens do cinema do diretor brasileiro José Eduardo Belmonte (*Carcereiros: o filme e Alemão*). No mais recente filme dele, *As verdades*, que traz roteiro de Pedro Furtado, o sertão da Bahia é cenário para um enredo algo sangrento, e que ainda intriga pela trama afirmada aos poucos, a partir de contraditórios relatos de uma moça chamada Francisca (Bianca Bin), o candidato à prefeitura Vladimir (Zé Carlos Machado) e ainda um rude homem de nome Cícero (Thomás Aquino). Drica Moraes interpreta ainda uma confusa mulher de cotidiano duro na trama em que Josué (Lázaro Ramos) é um delegado disposto a desvendar sérios incidentes (RD).

Um filme que trata de temas fortes que chegam a abuso de autoridade e de falseamento da realidade. Tudo um tanto e bem real para o momento das atuais ondas de fake news. Como percebe a interferência da arte (de reflexão) junto ao público?

A arte pode ser transformadora, quando ela se torna um espelho. Digo isso, como público também. Em alguns filmes me reconheci, me identifiquei, percebi os meus dilemas e pude repensar a vida real. *As verdades* é um filme que, através de um suspense policial, traz vários temas e a gente sempre espera que o público se aproprie da história e que saia estimulado a melhorar o dia a dia, né?

Em que medida teu personagem te surpreendeu?

O personagem é muito diferente do que eu vinha fazendo nos últimos anos. Nos últimos quatro anos, eu tinha trabalhado muito para comédia. Inclusive me sentia num tempo acelerado. Os tempos psicológicos que este filme propõem foram desafio para mim. Não é o lugar de maior conforto para mim, principalmente pelo hábito de eu estar explorando outros gêneros. Foi muito bom para eu me ver nesse lugar novamente. Todas as vezes em que eu fiz projetos como este, como *Cidade Baixa e Tudo* que aprendemos. Aprendi novas possibilidades para o meu trabalho como ator.

Gullane/Divulgação



Lázaro Ramos no filme de José Eduardo Belmonte *As verdades*

O fato de Belmonte ser um diretor bastante multifacetado trouxe que qualidades? Trabalhar com ele mudou perspectivas para o teu filme de estreia como diretor, *Medida provisória*?

Eu sempre quis trabalhar com o José Eduardo Belmonte. Nos encontramos em festivais e ele, quando convocou para este filme, foi um dos fatores determinantes para eu aceitar. Foi

muito bom perceber o trabalho dele preparando atores também. Ele é um diretor que gosta dessa parte do trabalho e que tem processo de trabalho muito interessante. Gostei muito. Ele traz até inspiração para mim no sentido de abordagem de personagem. E o *Medida Provisória* (estreia na direção de Lázaro) acho que tem isso. Foi o meu primeiro filme e ele é um acúmulo de coisas que eu vi e tenho ouvido diretores com quem trabalhei. Cada um que eu encontro, com certeza, deixa uma marca e o Belmonte também deixou a dele.

Entre encontros e desencontros, que sentimento resta para teu personagem?

É um personagem que tem encontros e desencontros, mas tem algo que ele aprende nessa trajetória que a não ser omisso. Não se omitir. É um personagem que, para mim traz o desafio de ser um anti-herói que não não peca pelas ações, mas sim pela omissão. E eu acho que, no filme que tem todos esses temas, é um sentimento importante de ser avaliado. O aprendizado da não omissão em situações de injustiça.